

Situado na Rua de D. Hugo, no Centro Histórico do Porto, muito próximo da Catedral e do Arqueossítio, este edifício, cujo autor do projeto é desconhecido, constitui um exemplar de arquitetura civil Setecentista mandado construir por Domingos Barbosa, cónego magistral da Sé do Porto.

A casa foi adquirida em 1934 pela filha do poeta Guerra Junqueiro, e por ela doada à Câmara Municipal do Porto em 1940, juntamente com o espólio artístico do poeta. Expõe-se em permanência coleções de cerâmica, metal, ourivesaria, escultura, mobiliário e têxteis de períodos compreendidos entre os séculos XV e XIX. Inaugurada em 1942, foi requalificada pelo arquiteto Alcino Soutinho e, em 2017, o Museu foi alvo de intervenções pelo arquiteto Camilo Rebelo, integrado no conjunto de trabalhos de modernização e valorização dos museus municipais.

Presentemente o Museu do Porto prepara o novo conceito expositivo e a nova museografia da sua coleção permanente, que conta com a colaboração dos investigadores Gonçalo Vasconcelos e Sousa e Henrique Manuel Pereira, e do arquiteto Luís Tavares Pereira, estando prevista a sua abertura para o último quadrimestre de 2023.

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

Presidente da Câmara
RUI MOREIRA

Diretora Municipal de Cultura e Património
CRISTINA GUIMARÃES

Chefe da Divisão Municipal de Museus
MARIANA JACOB TEIXEIRA

Chefe da Divisão Municipal de Arquivo Histórico
HELENA GIL BRAGA

Chefe da Divisão Municipal de Bibliotecas
LUÍS MIGUEL AZEVEDO

Diretora de Departamento Municipal de Comunicação e Promoção
ISABEL MOREIRA DA SILVA

ÁGORA – CULTURA E DESPORTO DO PORTO E.M.

Presidente do Conselho de Administração
CATARINA ARAÚJO

Administradores Executivos
CÉSAR NAVIO
ESTER GOMES DA SILVA

Diretora de Novos Projetos
FRANCISCA FERNANDES

Direção de Comunicação e Imagem
BRUNO MALVEIRA

MUSEU DO PORTO / PORTO MUSEUM

Departamento de Dinamização de Museus e Coleções

Diretor do Museu e das Bibliotecas do Porto
JORGE SOBRADO

Diretor Executivo
JOÃO COVITA

Coordenador Técnico
BRUNO ROCHA

Gestora de Projetos Educativos
MARTA BERNARDES

Assistente de Curadoria
RITA ROQUE (CMP/DMPC)

Assistente de Direção
CRISTINA REGADAS

Assistente de Programação
TIAGO ALMEIDA

Produtora Executiva
ANA AMORIM

Comunicação
PATRÍCIA BARBOSA
TIAGO PIMENTEL (CMP/DMPC)

EXPOSIÇÃO

Programação
MUSEU DO PORTO

Projeto Artístico
TIAGO MADALENO

Conceção Gráfica
LUÍS CEPA

Produção
RUI SANTOS

Apoio à Montagem e Instalação
TRIPLE – S

Registo
ANA SOFIA SIMÕES
BÁRBARA MARTINHO

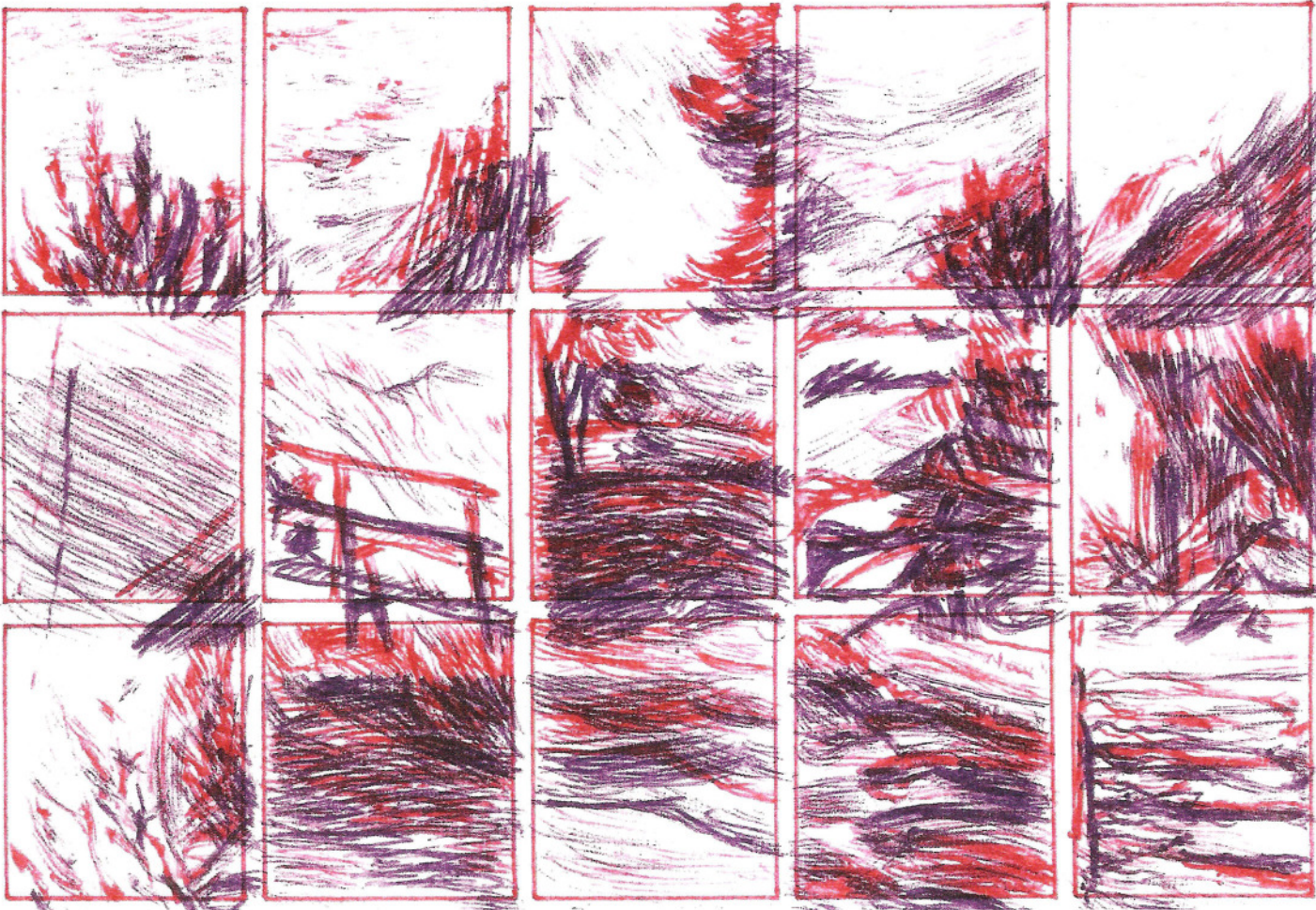
Tradução
MARTIN DALE

2 ABR — 30 JUL

[PT]

SALA DE FUMO

TIAGO MADALENO



«NUVENS DE FUMO», 2022—2023

MUSEU DO
PORTO
MUSEU GUERRA
JUNQUEIRO

Porto.

SOBRE TIAGO MADALENO

Tiago Madaleno nasceu em 1992 em Vila Nova de Gaia, onde vive e trabalha. Realizou os seus estudos na Faculdade de BelasArtes da Universidade do Porto (FBAUP), aí concluindo a Licenciatura em Artes Plásticas – Pintura (2010–2014) e o Mestrado em Pintura (2014–2016). Entre 2015 e 2016 integrou a equipa de curadoria (juntamente com José Costa, Catarina Real e Luís Vicente) do projeto Galeria Painei, uma parceria entre a FBAUP e o ISPUP — Instituto de Saúde Pública da Universidade do Porto.

Expõe regularmente desde 2013. Foi o vencedor do Prémio Novo Banco Revelação (2017), o qual lhe valeu a apresentação da primeira exposição individual em contexto museológico no Museu de Serralves. Em 2019, através do programa *Criatório*, da Câmara Municipal do Porto, no espaço RAMPA apresenta o projeto *Um Jardim à Noite*.

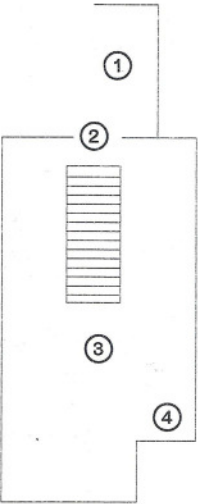
No seu percurso, destacamos também as exposições individuais *Noite de Núpcias* (2019); Appleton Square, Lisboa e Espaço Pontes, Fundão; *Clepsiðra* (2017-2018), Museu de Arte Contemporânea de Serralves, Porto; *Do Sopro para o Caule* (2016), Lugar do Desenho, Fundação Júlio Resende, Gondomar; e as exposições coletivas: *TRABALHO CAPITAL # ENSAIO SOBRE GESTOS E FRAGMENTOS* (2019-2020), comissariada por Paulo Mendes, Centro de Arte Oliva, São João da Madeira; *Victória sobre o sol* (2018), Colégio das Artes, Coimbra.

SOBRE KURT SCHWITTERS

Kurt Schwitters (1887-1948), artista alemão foi uma figura central na ascensão dos movimentos artísticos de vanguarda na Europa do início do século XX. Vivendo e trabalhando em Hanover, as suas obras revolucionárias – colagens e construções nascidas de detritos urbanos – colocaram-no na vanguarda do dadaísmo, do construtivismo e da arte contemporânea.

Foi após a Primeira Guerra Mundial e o subsequente colapso socioeconómico na Alemanha que Schwitters começou a gravitar da pintura para a colagem, um meio artístico que ele considerava ter o potencial de juntar fragmentos e reinventar o mundo. Em 1919, inventou a sua própria terminologia *Dada*, à qual chamou “Merz”. O termo deriva de *kommerz*, a palavra alemã para comércio, referida num pedaço de jornal que ele usou para uma das suas colagens. Empregado pela primeira vez para descrever as colagens de Schwitters feitas de pedaços de jornal, “Merz” estendeu-se ao longo do tempo para se referir a todas as suas criações artísticas, que englobavam poesia, tipografia, design gráfico, performance e prosa. Entre as criações mais célebres de Schwitters está o *Merzbau*, uma instalação imersiva de colunas e cavernas construídas com objetos encontrados.

Schwitters teve de interromper o trabalho em 1937, quando os nazis assinalaram seu trabalho como arte degenerada, foi forçado a fugir do seu país. Já em segurança, durante a sua permanência na Noruega e na Grã-Bretanha, Schwitters vendeu retratos e paisagens como meio de vida. No entanto, continuou a produzir colagens e construções abstratas na década de 1940.



ENTRADA DA EXPOSIÇÃO

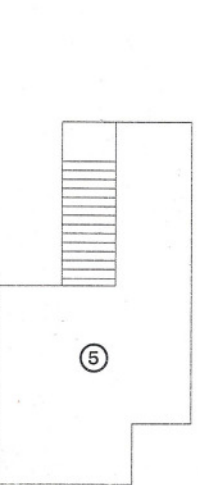
1
Janela azul (2023)
Conjunto de 16 chapas de aço galvanizado com desenho cortado a laser e tinta spray azul metalizado de base sintética.

PISO INFERIOR

2
Shhhhhhhh (2023)
Conjunto de chapas de aço galvanizado com desenho cortado a laser e tinta spray azul metalizado de base sintética.

3
Sapatos vermelhos [ecos] (2023)
Lâmpada, tinta de vitral vermelha, com programação em Arduino.

4
Silence (2022-2023)
Conjunto de 16 postais: grafite, caneta (azul e vermelha) e marcador (azul e vermelho) sobre papel Fabriano 200 gr.



PISO SUPERIOR

5
Nuvens de fumo (2022-2023)
Conjunto de postais (grafite, caneta (azul e vermelha) e marcador (azul e vermelho) sobre papel Fabriano 200 gr, instalados em acrílico transparente com dimensões variáveis.

SALA DE FUMO
TIAGO MADALENO

Tiago Madaleno apresenta *Sala de Fumo*, uma exposição onde nos revela um conjunto de novos trabalhos, concebida especificamente para este espaço de exposições temporárias.

Tiago Madaleno é um artista que desenvolve um trabalho multidisciplinar numa obra contínua e peculiar onde a imagem e a palavra se confrontam, criando e propondo novos sentidos e diálogos. As suas obras combinam o desenho, a pintura, o vídeo, a escultura, o áudio, a performance, o texto escrito e o texto falado, juntamente com todo o tipo de tecnologias e dispositivos mecânicos, num imaginário que opera uma constante transgressão de conteúdos e suportes. Embora recorra a diferentes meios durante o processo criativo, o desenho e o texto são recursos privilegiados e o seu campo expandido parece encontrar nò tempo (a performance) ou no espaço (a instalação) uma formulação última da sua proposta artística.

Após o convite do Museu do Porto, e durante o período de contacto com a coleção, a figura e a obra de Guerra Junqueiro, Tiago Madaleno interessou-se pelo processo de reconstituição da casa e dos ambientes domésticos onde viveu o poeta. O programa inicial deste museu procurava reconstituir as divisões da casa e sobretudo o modo como Guerra Junqueiro “expunha” e se fazia rodear pela coleção na sua própria habitação, na Rua de Santa Catarina. Motivado por conhecer os detalhes deste processo de reconstituição e recriação – já de si processos ficcionais tão cários ao artista – Tiago Madaleno destaca a impossibilidade de recriar a denominada “Sala de Fumo”, espaço onde, na casa original, se encontraria a maior parte da coleção de ourivesaria e que terá sido classificada e estudada para se apresentar de forma temática na abertura da Casa-Museu em 1942. O artista encontra nesta impossibilidade de transladação da ambiência da “Sala de Fumo” uma proximidade à propensão narrativa e ficcional do seu próprio trabalho, acabando por incorporar o acontecimento no desenvolvimento do projeto.

Nas palavras do artista, “ao que parece, a única sala cujo ambiente não se tentou replicar após fazer a transladação da coleção para a Casa-Museu foi o da ‘Sala de Fumo’. Não consegui perceber porquê, mas agradou-me pensar nesta ideia de trazer propriedades desse espaço desaparecido. Enquanto pensava sobre isto, encontrei um conto de Kurt Schwitters no livro *Stories of Paradise* (1924), onde o fumo aparece como símbolo de que alguém está a mentir. Tenho também pensado sobre a utilização de fumo enquanto elemento simbólico, ainda não sei de que forma (se enquanto material, se graficamente). Há ainda a ideia dos sinais de fumo, que enquadram esse material dentro de um código/ linguagem. Parece-me que talvez possa haver aqui algo de interesse.”

As reflexões desenvolvidas pelo artista a partir da ideia de um “espaço desaparecido” vêm já no seguimento do seu anterior projeto *Um Jardim à Noite* (Rampa, 2020), onde também recorre ao contexto biográfico e artístico de Kurt Schwitters (ver biografia), para evidenciar uma perda, neste caso um jardim. Destaca-se aqui que o seu interesse pela “impossibilidade da representação”, em sentido lato, nos dá também pistas para a compreensão do seu método reflexivo e criativo contínuo. “Um dos maiores desafios do projeto encontrava-se no facto de este se querer situar no limiar entre a possibilidade e a impossibilidade de representação daquele jardim perdido.”, refere o artista em entrevista à curadora Eduarda Neves (revista Contemporânea, 2020).

Sala de Fumo tem lugar nos dois pisos do Gabinete de Desenho e reencena aspetos que remontam a episódios passados no exílio de Schwitters durante a Segunda Guerra Mundial: primeiro na Noruega, onde pintou paisagens que vendia aos turistas, depois em Inglaterra, no *Hutchinson Internment Camp* (Isle of Man), onde se refugiou na memória dessas paisagens norueguesas idealizadas e depois perdidas.

O piso inferior funciona como uma “casa de máquinas”, lugar de “silêncio” onde o corpo se debate e perde o controlo num processo de caos com propensão para o vazio, explorando o desejo de evasão e de liberdade através da camuflagem. Aqui, a narrativa reúne-se em torno de obras concorrem entre si numa relação de ocultação e revelação promovida pela utilização das cores utilizadas nas peças, o azul e o vermelho. Tais como, *Shhhhhhhh* (2023), um conjunto de chapas de aço onde a palavra “silêncio” é introduzida por gravação em Código Morse; *Silence* (2022-2023), postais justapostos que realizam uma composição una; ou *Sapatos vermelhos [ecos]* (2023), uma lâmpada pintada a tinta de vitral vermelha, com programação em Arduino e ativada segundo um ritmo de sapateado. No piso superior encontramos a referência às pinturas de paisagens norueguesas, a partir de Schwitters. *Nuvens de fumo* (2022-2023), são postais sem viagem – incapazes de cumprir a sua função de troca entre remetente e destinatário. Aqui, através de desenhos de cariz mais gráfico e utilizando as duas faces do suporte, encontramos também os dualismos sempre presentes no trabalho deste artista (forma/informe, imagem/escrita, corpóreo/incorpóreo).

Embora sem presença física, *fumo* é o elemento que envolve e une esta proposta artística de Tiago Madaleno, seja no plano da especulação conceptual ou na estratégia material das formas. As peças que integram esta instalação, enquanto espectros, evocações ou aparições, constituem assim a espessura narrativa que ora se adensa ora se dissipa mediante a participação do visitante e daquilo que lhe é dado ver ou que se lhe oculta.



Nuvens de fumo (2022-2023)
Conjunto de postais (grafite, caneta (azul e vermelha) e marcador (azul e vermelho) sobre papel Fabriano 200 gr), instalados em acrílico transparente com dimensões variáveis.